



Origem e formação socioeconômica do Vale do Paraíba Fluminense: o caso resendense no século XIX

*Origin and socioeconomic formation of the Paraíba Fluminense Valley: the case of
resendense in the XIX century*

Gabriela Adler Lopes¹

RESUMO: O presente artigo analisa de forma ampliada a origem e a formação socioeconômica de Resende, pioneira e dispersora do plantio de café no Vale do Paraíba. Compreender a adentrada dos primeiros bandeirantes na região, a vanguarda do cultivo da rubiácea (café) que se transformaria em elemento central da pauta econômica brasileira, a ascensão e declínio da lavoura e a importância da localização resendense como elemento estratégico por entremear as províncias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. A investigação terá como pano de fundo a pesquisa bibliográfica de produções já existentes, entrecruzando com o paradigma indiciário, a análise das fontes primárias que, são os jornais da época e as Atas da Câmara, além de relatos de viajantes e produções de contemporâneos aos fatos do século XIX.

Palavras-chave: Vale do Paraíba Fluminense; Império; Café.

ABSTRACT: This paper takes a broad look at the origin and socioeconomic formation of Resende, a pioneer and disperser of coffee plantations in the Paraíba Valley. Understanding the entrance of the first bandeirantes in the region, the vanguard of the cultivation of the rubiaceae (coffee) that would become a central element of the Brazilian economic agenda, the rise and decline of the crop and the importance of Resende's location as a strategic element for intermingling the provinces of Rio de Janeiro, São Paulo and Minas Gerais. The research will have as background the bibliographical research of existing productions, crossing with the indicative paradigm, the analysis of primary sources that are the newspapers of the time and the Minutes of the Chamber, in addition to travelers' reports and productions of contemporaries to the facts of the nineteenth century.

Keywords: Paraíba Fluminense Valley; Empire; Coffee.

¹ Mestranda em história da Universidade Federal de Ouro Preto. Email: gabriela.adler@aluno.ufop.edu.br



Introdução

O presente artigo objetiva apresentar a formação socioeconômica de Resende, enquanto desempenhou importante papel no cenário econômico Imperial no século XIX, graças a seu pioneirismo na cultura cafeeira do Vale do Paraíba fluminense e por ter sido subsequente propagador desta rubiácea para as províncias de São Paulo e Minas Gerais.

O Município de Resende já foi conhecido como Timburybá pelos nativos e, com a ocupação dos bandeirantes, recebeu o nome de Campo Alegre. Ao conceber a construção da capela de Nossa Senhora da Conceição a localidade, passou a ser denominada Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova, anos mais tarde foi elevada a Vila de Resende e posteriormente a cidade.

O recorte temporal desse estudo se concentra nas movimentações ocorridas durante o século XIX, no entanto, será necessário o recuo aos meados do XVIII para compreensão da ocupação desta região e para o conseqüente desenvolvimento ao longo do século XIX.

Além de consultar a bibliografia pertinente, foram analisados, sob o paradigma indiciário, as Atas da Câmara, os relatos de viajantes, os jornais da época (sobretudo O Itatiaya), a plataforma digital do Almanak Laemmert e a hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Na leitura dos jornais foram observados os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos. Na busca por dados sobre os proprietários cafeicultores e sobre a produção e consumo desta commodity consultou-se o Almanak Laemmert². Na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional obteve-se o *Almanack do Centenário de Rezende para o anno de 1902*, contendo informações relevantes sobre o município de Resende. Nessas fontes, a busca ocupou-se de coletar vestígios e entrelaçar informações, propiciando uma visão mais clara e uma escrita mais lúcida, uma vez que aproximou ainda mais o pesquisador do seu objeto de pesquisa.

²Almanak Laemmert: esta plataforma digital deriva-se do primeiro anuário brasileiro, nele eram publicadas informações concernentes às finanças, comércios e âmbito social, organizado pelos irmãos livreiros Eduard e Heinrich Laemmert. Atualmente o acesso ao acervo é disponibilizado pela Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/tipografias/typographia-universal-de-laemmert/> Acesso em: 11 jun. 2021.



A pesquisa se justifica e se faz relevante ao contribuir para o debate historiográfico sobre a “Princesinha do Vale”³, região vanguardista no desabrochar do Vale do Paraíba Fluminense. Embora não pretenda trazer respostas imediatas, surge o questionamento: qual o papel de Resende (como pioneira no cultivo do café) e, como esse fato da história nacional afetou a localidade resendense no contexto do Vale do Paraíba Fluminense?

Levantar esse questionamento, sobre a origem e formação socioeconômica de Resende, dá-se na articulação entre questões que se referem aos primeiros bandeirantes, na sequência a inserção e cultivo do café, seu auge, declínio e dispersão para outras regiões do Vale do Paraíba Fluminense e posteriormente ao Vale do Paraíba Paulista. Esse artigo, embora ainda incipiente, pode contribuir para novas pesquisas e pode instigar pesquisadores, lançando luz a novas pesquisas.

1. A região de Resende

Inicialmente, muitos padres figuraram com forte importância política, exercendo autoridade religiosa e administrativa no âmbito local. A título de exemplo toma-se o nome do Pe. Felipe Teixeira Pinto, que em 1747 celebrou a primeira missa e, posteriormente, organizou a comunidade eclesial rural, designada a partir de então em Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova. Esse foi o primeiro nome oficial da localidade onde hoje tem-se o município de Resende.

Antes do adentrar dos bandeirantes nessas terras, os nativos dessa região somavam maioria da etnia Puri e possivelmente a identificam pelo nome de *Tymburibá*, palavra de origem indígena e que significa “árvore dos gambás”, espécie de tronco robusto e lendária para os nativos da região. (WHATELY e GODOY, 2001. p. 48)

Os Puris, grupo autóctone povoador dessas terras que, conforme Taunay, traduz-se em português “gente mansa e tímida” (TAUNAY, 1939, p. 354). Ao contrário da definição apresentada por Taunay os fatos apontam que, semelhante a muitas outras comunidades indígenas, os Puris tiveram suas terras invadidas, seus corpos violados e foram submetidos ao trabalho compulsório por meio da escravização, houve muito

³ Resende recebeu o título de 'A Princesinha do Vale' por seu movimento cultural intenso no século XIX. Disponível em: <www.resende.rj.gov.br/aprincesinhadovale> Acesso em: 24 mai. 2021.



enfrentamento e resistência, no entanto, foram dizimados, sobrevivendo poucos vestígios que permeiam o Folclore regional⁴.

Simão da Cunha Gago, bandeirante paulista, foi pioneiro na travessia da Serra da Mantiqueira e, por volta do ano de 1744, ocorreu sua chegada àquela planície que foi nomeada de Campo Alegre, onde principiaram construções simples e cultivos agrícolas. Parte do grupo se estabeleceu e a picada ficara conhecida.⁵ Essas incursões dos bandeirantes ligavam-se ao interesse de encontrar minerais, sobretudo ouro e, reconhecerem terreno na colonização do interior do Brasil.

Em 29 de setembro de 1801, fruto de uma homenagem ao Tenente-General D. José Luís de Castro, 2º Conde de Resende, que foi o 13º Vice-Rei do Brasil (1790-1801), deu-se foro à Vila de Resende, elevando ali o Pelourinho e conferindo benesses político-administrativas.

Segundo Marcos Cotrim, por conta do declínio do período aurífero na província de Minas Gerais, no início do século XIX, houve a abertura de vários caminhos para o atendimento da região do Vale do Paraíba. Entretanto, não contemplaram Resende que quase não contava com títulos nobiliárquicos, ainda que fosse a maior produtora de café de serra acima, o que gerou grande insatisfação e, em 1829, o Pe. João Marques da Motta liderou um movimento que objetivava a criação de uma província autônoma com capital em Resende. O evento não teve êxito (BARCELLOS, 2010, p. 4).

Desde logo, a localização de Resende se mostrava favorável. Encontra-se a 169 km da cidade do Rio de Janeiro, 272 km da Cidade de São Paulo e 441 km de Belo Horizonte.⁶ Está no sul do estado do Rio de Janeiro, com fronteiras físicas, culturais, sociais e econômicas entre os estados de São Paulo e Minas Gerais e, é cortada pelo Rio Paraíba do Sul. Em seu relevo há uma grande planície circundada pela escarpa da serra da Mantiqueira. A antiga Estrada de Ferro Dom Pedro II, que já foi Central do Brasil, hoje MRS, entrecruza a cidade desde 1873, construída para escoamento da produção cafeeira até o Porto do Rio de Janeiro. Este ramal veio substituir o transporte realizado

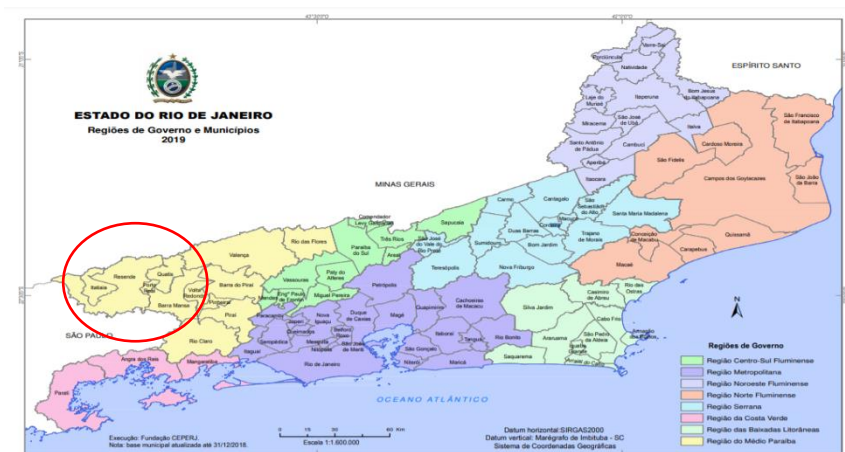
⁴ Sobre o Folclore regional resistem duas lendas ligadas ao povo de etnia Puri, são elas: Lenda do Tymburibá e Lenda da Pedra Sonora (BENTO, 2014, p.3).

⁵ A chegada dos bandeirantes à localidade que adiante viria se tornar a cidade de Resende, pode ser validada por meio da obra de Pizarro, que menciona também, nas entrelinhas, a resistência indígena e a necessidade de solicitar as Companhias de Infantaria para conter a “indiaida” (ARAUJO, 1822, p. 167).

⁶ Distâncias medidas pelo site do Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/> Acesso em: 08 jun. 2021.



por tropas e pela via fluvial. Para melhor compreensão de seu posicionamento geográfico, vê-se adiante um mapa da região de entroncamento entre os estados e, o grifo apresenta o esboço de suas fronteiras iniciais (LAMEGO, 1963, p. 96).



Fonte: Mapa extraído do site da Fundação CEPERJ – RJ (grifo nosso)⁷

No início do século XIX, Resende contava com muitos melhoramentos urbanos. Havia escola de primeiras letras de iniciativa privada desde 1795, seguida da abertura de outras duas nas décadas seguintes. Muitos reparos foram feitos nas estradas possibilitando condições de ligação à Corte. Edificaram a Igreja Matriz, as capelas do Senhor dos Passos e do Rosário, a construção da Câmara e da cadeia, bem como sobrados e calçamento (SODRÉ, 1901).

Em outubro de 1859, o viajante português Augusto Emílio Zaluar, em viagem que originaria a escrita de seu livro “Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)”, passou por Resende e teceu considerações relevantes,

o município de Resende, se não é dos mais ricos da província, é pelo menos aquele em que as fortunas estão melhor repartidas. Aqui não há milionários nem indigentes; há remediados. [...] A hora há de soar, ainda que mais tarde, e a civilização sairá da roça pelo valor da soberania industrial e pelo engrandecimento do comércio e da lavoura (ZALUAR, 1861, p. 37).

7

Disponível

em:

<http://arquivos.proderj.rj.gov.br/sefaz_ceperj_imagens/Arquivos_Ceperj/ceep/informacoes-do-territorio/cartografia-fluminense/Mapa%20das%20Regi%C3%B5es%20de%20Governo%20e%20Munic%C3%ADpios%20do%20Estado%20do%20Rio%20de%20Janeiro%20-%202019%20-%20CEPERJ.pdf> Acesso em: 13 jun. 2021.



Zaluar segue suas observações e destaca já naquele momento o que aqui se enfatiza: a localização estratégica de Resende. Percebe-se também em Zaluar, o perfil de uma elite fragmentada, composta de pequenas e médias propriedades, tal fato se confirma na hipótese de Barcellos, que analisa

[...] a elite resendense no primeiro terço do século XIX pode ser convenientemente descrita como atípica em face da segmentação clássica de outras áreas cafeeiras, muito marcadas pela oposição senhor/escravo; seria uma elite heterogênea, seja pela 'condição' seja pela opção ideológica, mas unida pelo ideal tradicional de autonomia dos grupos intermediários. O conjunto de ideias que define suas 'liberdades' pertence a um universo conceitual mais amplo e mais rico em nuances do que o da ideologia extraída da independência norte-americana e da revolução francesa, que normalmente se usa para contextualizar os fatos do período em questão (BARCELLOS, 2010, p. 3).

A valer, vê-se que o diferencial de Resende frente às demais localidades que despontaram na região do Vale do Paraíba fluminense, muito se deve ao predomínio de pequenos e médios proprietários, que alimentavam uma expressiva variedade que compunha sua pauta econômica. Por volta de 1770, o Pe. Antônio Couto da Fonseca trouxe as primeiras mudas de café para plantio em torno do Rio Paraíba do Sul. Já em 1810, as lavouras cobriam o solo resendense, aguçando o interesse de agricultores e comerciantes. No entanto, apesar da presença massiva do café, tinha-se também a agricultura familiar, a pecuária ainda embrionária em princípio do século XIX e um comércio local promissor (LAMEGO, 1963, p. 100).

2. Evolução demográfica e impactos socioeconômicos

Os primeiros colonizadores da região de Campo Alegre (Resende) cultivaram elementos para subsistência como milho, feijão, mandioca e trouxeram também a cana-de-açúcar. Segundo a historiadora Maria Celina Whately (2003), o declínio da produção aurífera de Minas Gerais e o revés da Conjuração Mineira fez crescer a demografia resendense e, o grande atrativo para esta região era a topografia favorável à agricultura e pecuária. Com brevidade, no avançar dos anos oitocentistas, vê-se um grande aumento populacional. Desse modo, Celina Whately dialoga com a análise de Celso Furtado.



Ao transformar-se o café em produto de exportação, o desenvolvimento de sua produção se concentrou na região montanhosa próxima da capital do país. Nas proximidades dessa região, existia relativa abundância de mão-de-obra, em consequência da desagregação da economia mineira. [...] dessa forma, a primeira fase da expansão cafeeira se realiza com base num aproveitamento de recursos preexistentes e subutilizados (FURTADO, 2007, p.169).

Estima-se que no início do século XIX, a Vila de Resende contava com uma população de cerca de 4.000 mil habitantes, onde havia algumas fábricas de anil, cultivo de cana, produção de aguardente, cavalos de tração e uma incipiente lavoura de café (WHATELY, 2001, p. 73).

Tabela 1. Censo realizado pelo Capitão-Mor Jozé Soares Louzada em 1806 nas Freguesias e Vila de Resende:

Freguesias e Vila de Resende ano 1806		
Total dos fogos (domicílios)	1092	
Homens - distribuição etária		Percentual
1 a 8 anos	613	8,56%
9 a 18	481	6,71%
19 a 60	1179	16,46%
60 acima	92	1,28%
Total	2365	33,03%
Mulheres Cabeças de Casal	113	1,57%
Mulheres total	2305	32,19%
Escravos de Ambos os sexos	2376	33,18%
Total	4794	66,96%
Total da População em 1806	7159	100%
Distribuição Livres e Escravos		
Homens	2365	33,03%
Mulheres	2418	33,77%
Escravos de ambos os sexos	2376	33,2%

Fonte: OWERNEY, 2019, p. 39. (Tabela adaptado)

A tabela acima expressa os dados coletados no censo realizado em 1806 pelo Capitão-Mor Jozé Soares Louzada, membro de uma das primeiras famílias a ocuparem a localidade. A interpretação desses dados permite uma melhor compreensão do cenário socioeconômico da região resendense naquele momento (WHATELY, 2001, p. 23).



Os dados deste censo evidenciam que a inclusão dos três distritos da companhia das ordenações, no entorno da Vila de Resende, fez crescer a população que no ano de 1806 alcançou o número total de 7.159 habitantes, destes, 66,8% eram livres de ambos os sexos e 33,2% eram escravos de ambos os sexos, fato que aguça o olhar do leitor por ter uma população livre substancialmente maior do que a população escrava naquele momento. A população indígena não foi contemplada por este censo.

No que se refere à questão de gênero, um fator chama atenção: o quadro traz a informação de 113 mulheres como cabeça de casal, ou seja, 113 provedoras e condutoras daqueles lares, em uma sociedade marcadamente patriarcal. O censo não explica os fatores dessa modalidade de configuração familiar, tampouco apresenta a distribuição etária da população feminina.

Em 1811, Resende perdeu a metade de seu território com a criação da Vila de São João do Príncipe⁸ e no ano de 1832, seria a vez de Barra Mansa se desmembrar. Ainda assim, o seu crescimento socioeconômico segue refletidos em uma evolução demográfica graças ao avanço do plantio de café por essas terras.

No ano de 1844, ocorre um novo recenseamento das Freguesias de Resende, dessa vez trazendo dados mais singularizados, onde constam a população branca, a indígena, a parda e a preta, especificando ainda, o gênero.

⁸ Vila de São João do Príncipe, viria se tornar o município de São João Marcos, este fora despovoado e inundado até a década de 1940, onde hoje se encontram as represas da Light (OLIVEIRA, 2014, p. 2).



Tabela 2. Mapa estatístico da População da Província do Rio de Janeiro segundo as condições, sexos e cores no ano de 1844 – Freguesias de Resende:

Comarca	Municípios	Freguesias	Livres								Cativos				Total											
			Brancos		Indígenas		Pardos		Pretos		Pardos		Pretos		Freguesias	Municípios	Comarca									
			Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres												
Resende	Resende	Freguesia do Campo Bello	807	40	-	-	43	*	*	*	12	7	410	458	1.781											
		Curato de Sant'Anna	632	562	2	-	120	86	15	9	32	24	1.080	570				3.072								
		Freguesia da Villa	1.125	973	15	17	722	862	195	209	80	64	3.243	1.739							9.305					
		Curato de São Vicente Ferrer	331	310	19	27	305	248	32	20	13	17	378	224										1.923		
		Capela de São Joaquim	541	505	158	188	180	166	31	30	20	20	748	413												

Fonte: OWERNEY, 2019, p. 42. Legenda: (*) ilegível, (-) não constava nenhum dado.

O primeiro dado que salta aos olhos é o vagaroso aumento populacional ocorrido de 1806 a 1844. A população total das freguesias saltou de 7.159 habitantes para 19.091 habitantes, ou seja, isso significou o crescimento populacional de 11.932 habitantes em um intervalo de 38 anos, levando em consideração os desmembramentos mencionados anteriormente. Como é destacado na legenda da tabela, devido o documento original apresentar avarias do tempo, o número de pardos e pretos livres pode ser maior na Freguesia de Campo Bello.



Em linhas gerais, nota-se que a população escrava e a população livre apresentam percentuais equivalentes. Do número total de habitantes, têm-se um percentual de 50,11% da população escravizada, sendo que 31,6% eram homens escravizados e 18,5% eram mulheres escravizadas. Destaque ao número superior de homens escravos ao de mulheres escravas. A população livre figurava 49,89%, destes 27,6 % eram homens livres e 22,2 % eram mulheres livres. Fazem menção à população indígena, figurada em um total de 2,3%, ou seja, 426 sujeitos somando homens e mulheres de todas as freguesias.

Essa tabela oferece a informação de pretos e pardos livres, somados homens e mulheres de todas as freguesias, já em 1844, representavam 541 pretos livres e 2.732 pardos livres. Havia também pardos cativos, em menor número, somavam 289 pardos escravizados, paralelo ao total de 9.263 pretos cativos.

O recenseamento de 1856 traz uma nova evolução demográfica como pode ser analisada da tabela abaixo.

Tabela 3. População de Resende e Freguesias no ano de 1856:

2.641 fogos (moradias)	População de Resende e Freguesias no ano de 1856:		
	Livres	Escravos	Total
Paróquias			
Cidade	7.244	5.521	12.765
Sant'Anna	1.624	1.605	3.229
São Vicente Ferrer	2.912	1.427	4.339
Campo Bello	2.085	1.710	3.795
Total	13.865	10.323	24.188

Fonte: MAIA, 1891, p. 209.

Com efeito, entre 1844 e 1856 a população saltou de 19.091 habitantes para 24.188 habitantes, ou seja, houve um acréscimo de 5.097 habitantes em um intervalo de 12 anos. Dado intimamente ligado ao progresso das lavouras de café, não por acaso, conforme assinala Maria Celina “o auge da cafeicultura resendense teria se dado na virada da década de 1840 para 1850”. Segundo ela, em 1842, a produção cafeeira alcançou a marca de 200 mil arrobas e no ano de 1853 exportou cerca de 800 mil arrobas de café (WHATELY, 1987, p. 9).



Contudo, ainda conforme os dados do censo de 1856, percebe-se a continua homogeneidade no que tange os números que diferenciam a população livre e escrava, em percentuais a sociedade se refletia em 57,3% população livre e 42,7% população escrava.

O censo de 1872, traz dados que seguem confirmando a hipótese de que Resende caminhou na contramão do padrão agregado sobre o Vale do Paraíba Fluminense, afastando-se do modelo de grandes *plantations*. Por certo, em 1872, Resende e suas freguesias aglutinavam 28.964 pessoas, destas, 9.437 eram cativos e 19.527 eram livres. Assim sendo, 32,6% eram escravos e 67,4% eram livres.

Num contraponto com Barra Mansa, Vassouras e Valença, será possível perceber a diferença do perfil populacional paralelo às demais localidades.

Tabela 4. Comparativo populacional de 1872: Resende, Barra Mansa, Vassouras e Valença: 1872 – Mapa populacional:

Município	Escravos	%	Livres	%	Total – 100%
Resende	9.437	32,6%	19.527	67,4%	28.964
Barra Mansa	10.944	42,5%	14.822	57,5%	25.766
Vassouras	20.168	51,4%	19.085	48,6%	39.253
Valença	23.496	55,8%	18.635	44,2%	42.131

Fonte: Tabela elaborada com base no Recenseamento de 1872 – IBGE

Resende apresenta o menor percentual de população cativa paralelo aos demais municípios apresentados na tabela acima, vale pontuar que Resende contava com 413 fazendeiros de café, Barra Mansa contava com 62 fazendeiros, em Vassouras eram 82 e em Valença somavam-se 54 fazendeiros (WHATELY, 1987, p.9). Articular os dados apresentados na tabela acima com a análise do quantitativo de fazendeiros desses mesmos municípios, possibilita a compreensão panorâmica do quadro socioeconômico no qual Resende se encontrava. Cruzar esses dados evidencia o caráter de pequenas e médias propriedades com baixo contingente cativo se comparado aos demais municípios do Vale, os quais, segundo Muaze,

[...] como resultado histórico do processo de ocupação das terras “serra acima”, da rápida montagem dos complexos cafeeiros e da ascensão dos mega proprietários de terras e escravos que residiam no centro-sul, em



pouco tempo, o Vale do Paraíba tornou-se uma peça fundamental para a economia e a política imperial, sendo socialmente reconhecida como uma região (MUAZE, 2015, p. 98).

Apesar de Resende não protagonizar as entrelinhas expressas por Mariana Muaze, a qual em seu texto versa sobre a expansão da classe senhorial, com olhares voltados à Vassouras e Valença, confere-se aqui, a importância de Resende com uma dinâmica diferente do que ocorria no trecho de Vassouras-Valença. Resende centra-se em uma zona de influência com integração entre as províncias que eram a vitrine do Brasil Imperial, Resende absorvia, transmutava e reproduzia as influências que recebia.

Entre 1872 e 1890, o contingente populacional foi observado quase inalterado, com um sensível aumento de 727 habitantes. Isso se deve, em larga medida, à crise cafeeira na região após a década de 1870, validando a importância do café na pauta socioeconômica durante todo o século XIX.

3. “O Império é o café e o café é o Vale”⁹

Desde a década de 1940, historiadores têm envidado esforços em pesquisas sobre o Vale do Paraíba. Por um longo período, o enfoque foi exclusivamente numa vertente historiográfica segundo a interface econômica, haja vista o Vale ter se consolidado como principal polo econômico e escravista do Brasil Imperial. Rafael Marquese avalia que nos primórdios das pesquisas acadêmicas sobre o Vale cafeeiro, o olhar estava voltado a constatar o fato de o café ter se tornado a alternativa econômica brasileira de abastecimento do mercado mundial, possibilitado pelo desenvolvimento industrial das economias centrais e a crise na Ilha de São Domingos após a revolução escrava (1791-1804). Ainda segundo os estudos de Marquese, esses primeiros trabalhos condicionariam o surgimento e ascensão do Vale do Rio Paraíba como efeito colateral da crise na mineração e, conseqüente retomada das atividades agroexportadoras na virada do século XVIII para o XIX, bem como as condições naturais favoráveis ao desenvolvimento da rubiácea e relativa proximidade litorânea para escoamento do café. No entanto, esses estudos geraram o que Marquese denomina “paradigma dependentista”, conserva caráter escravista, agroexportador e é voltado para a geração de riquezas nos centros das

⁹ Dito popular do século XIX, o qual tratava a importância da região para a economia do Império. Esse ditado foi recuperado por diversos historiadores e tem aparecido em seus trabalhos, tais como Ilmar Mattos (1987), Ricardo Salles (2008) e Mariana Muaze (2015).



economias mundiais (MARQUESE, 2010, p. 23). Nesse sentido, Marquese elabora uma crítica ao pensamento de Furtado quando explica que, se não tivesse havido o fim do ciclo aurífero, não possibilitaria o início do ciclo cafeeiro na economia brasileira.

A partir da década de 1970, ocorre uma revisão historiográfica, que tece novas interpretações acerca da formação da cafeicultura. João Fragoso desponta para analisar a relação comercial dos negociantes de grosso trato do Rio de Janeiro, que revertiam investimentos na construção de um “ideal ‘arcaico’ que conformava o *ethos* senhorial-escravista, isto é, a posse de terras de homens como sendo sinal decisivo de distinção social” (MARQUESE; TOMICH, 2010, p. 24).

No entanto, a historiografia mais recente aponta caminhos plurais, os quais se articulam entre eventos globais e condições locais, nas palavras de Marquese,

Sem a existência de um quadro interno que desse segurança política e jurídica aos senhores possuidores de africanos ilegalmente escravizados, certamente o Brasil não despejaria nos portos e armazéns do hemisfério norte as sacas de café com as quais dominou o mercado mundial do produto no século XIX (MARQUESE, 2010, p. 25).

Marquese se debruça a investigar a relação entre a produção cafeeira escravista no Vale e a consolidação do Brasil no mercado internacional. No entanto, não se aprofunda nas entranhas das relações sociopolíticas das personagens que configuraram o Vale do Paraíba.

Reduzindo a atenção ao recorte regional que este artigo se propõe pesquisar, a bibliografia sobre Resende ainda tem muito a apresentar. Ainda assim, Maria Celina Whately é um expressivo nome e muito contribuiu para diversificar o conhecimento sobre a cafeicultura no Vale do Paraíba fluminense no século XIX, sobretudo em Resende, avaliou o município precursor na implantação do café no Vale e subsequente difusor desta rubiácea para regiões como Barra Mansa, Valença, Vassouras e Cantagalo, que viriam superar produtivamente. Mais recentemente, a produção historiográfica de Resende contou com as pesquisas do historiador Julio Cesar Fidelis Soares (2006), que estuda a importância das pequenas e médias propriedades da economia cafeeira que germinou no solo resendense. Conta-se ainda com a enfoque trabalhado pela historiadora Valdenora de Oliveira Rufino Owerney (2019), que trata sobre as redes de sociabilidades e



participação política de uma importante família para a conjuntura local, os Gonçalves Martins.

Outrora, os estudos que se tinha sobre esse recorte espacial eram elaborados por memorialistas com a finalidade de registrar e conservar a memória local. Os principais nomes são: João Maia, Alfredo Sodré e Renato Jardim, tendo boa parte das pesquisas desenvolvidas pelo prisma etnometodológico e visando estabelecer uma cronologia de fatos.

A iniciativa do cultivo de café em Resende é atribuída aos padres Couto e João Lopes, que teriam trazido e disseminado as primeiras sementes para a região. Nos últimos decênios do século XVIII, o café já era cultivado em Resende, mas nos primeiros anos do século XIX se confirma o vanguardismo resendense ao constar no livro de notas, registros de vendas de terras com cafezais: “2 de maio de 1802: venda de terras e dois cafezais pelo capitão Miguel Pedroso Barreto e sua mulher Francisca Pereira da Conceição, ao capitão-mor Manuel Valente de Almeida, nas cabeceiras do Ribeirão Taquaral” (MAIA, 1891, p. 57-58).

Em 1822, o viajante Saint-Hilaire passou por Resende e registrou suas impressões:

Quanto mais me aproximo da capitania do Rio de Janeiro mais consideráveis se tornam as plantações. Várias existem também muito importantes perto da Vila de Resende. Proprietários desta redondeza possuem 40, 50, 60 e até 100 mil pés de café. Pelo preço do gênero devem estes fazendeiros ganhar somas enormes. Perguntei... em que empregavam o dinheiro. “o senhor pode ver... que não é construindo boas casas e mobiliando-as. Comem arroz e feijão. Vestuário também lhes custa pouco, nada gastam com educação dos filhos que se entorpecem na ignorância, são inteiramente alheios aos prazeres da convivência, mas é o café que lhes traz dinheiro. Não se pode colher café se não com os negros; é pois, comprando negros que gastam todas as rendas e o aumento da fortuna se presta muito mais para lhes satisfazer a vaidade do que para lhes aumentar o conforto” (SAINT-HILAIRE, 1932, p. 212 apud WHATELY, 1987, p.8-9).

As impressões de Saint-Hilaire sobre a Resende de 1822 denota a expressiva importância dos cafezais e os investimentos na compra de cativos para o abastecimento da mão de obra que sustentaria a lavoura.



Ainda em 1822, D. Pedro I por via do Decreto de 18 de setembro, determinou o escudo de armas do Reino do Brasil e nele já constava o ramo da rubiácea que seria a principal pauta econômica adiante.

Barcellos assinala que já no início do século XIX, Resende exportava café, como se confirma no trecho de João Maia, acima exposto. A partir do crescimento progressivo das lavouras a região teria impactos positivos:

Antigas fazendas de gado, engenhos de açúcar e cachaça, plantações de anil, passavam a plantar café. Outras plantações como as de milho, feijão, arroz e mandioca passaram a alimentar as fazendas de café e as sedes dos núcleos urbanos dentro de um sistema de apoio e subsistência. Entretanto, o café já impunha o seu poder quase absoluto como cultura comercial destinada à exportação. Quando a Vila de Resende passa a ser cidade em 1848, a região já se destacava como um dos maiores centros cafeicultores da província (BARCELLOS, 2017, p. 95).

Conforme citamos anteriormente, o auge do café se deu somente na virada da década de 1840 para 1850, e passou por três fases em seu transporte: a primeira foi terrestre por meio de tropas que nos lombos de mulas depositavam as safras e conduziam até os portos de Angra dos Reis. Após a abertura do caminho para Mangaratiba (Estrada Resende-Ariró), de providência privada, o trajeto se tornou mais curto, no entanto poderia durar de cinco a seis dias e era muito oneroso. Num segundo momento, optaram pela via fluvial, viajando pelo Rio Paraíba até chegar à Barra do Piraí, esta havia recebido a Estrada de Ferro D. Pedro II. Portanto, segundo Sodré, “por volta do ano de 1863 havia 40 barcos descendo o rio, com duas viagens por semana, pagando 900 réis por arroba transportada” (SODRÉ, 1901, s/p). Celina Whately afirma que a produção exportada por via fluvial atingia 2 milhões e 500 arrobas ao ano (WHATELY, 1987, p. 24). Após a década de 1870, a estrada de ferro chegou a Resende facilitando o escoamento do café e a entrada de artigos manufaturados. Reduzira-se o tempo e os custos do fretamento. João Maia explica que o percurso de Resende à Barra do Piraí, pela via férrea, passou a ser realizado em 24h, com frete de 400 réis por arroba, sendo que o frete para Ariró na via terrestre demorava até seis dias no valor de 800 a 1.000 réis por arroba (MAIA, 1891, p. 308).

Durante a década de 1850, uma praga causada por mariposas afetou significativamente as lavouras e conseqüentemente a produção de café a partir de então.



Se no ano de 1853, a colheita farta de Resende chegou à marca de quase um milhão de arrobas ao ano, em 1860 teve uma redução de mais de 70%, alcançando 200 mil arrobas. O cafeicultor Domingos Alves Ramos em comunicado, solicitou providências do presidente da província, chegando a sugerir o incentivo pela substituição da pauta econômica do café para o algodão, tamanha sua desilusão com a colheita perdida e se mostrando avesso à mentalidade empresarial tradicionalista agregada aos cafeicultores do Vale. Nas palavras dele: “o café é luxo; o algodão é necessidade. Nosso município começou cultivando cana e anil, e passou para o cafezeiro; mudando agora, não é a primeira mudança”¹⁰(WHATELY, 1987, p. 12).

Após a chegada dos trilhos, o cenário resendense muito se diferenciou das primeiras constatações observadas pelo viajante Saint-Hilaire. Com os lucros do café, redesenharam a simplicidade em um estilo de vida mais sofisticado. A primeira geração dos colonizadores compunha-se dos cafeicultores, a segunda geração (seus filhos) gozaram de um novo estilo de vida, das letras e requintes os quais comporiam a elite resendense, muitos deles foram estudar fora e voltavam com seus títulos. Essa elite viria se manifestar, sobretudo, a partir das páginas dos jornais, os quais se configuravam em espaços públicos de veiculações das redes de sociabilidades.

Para melhor compreensão, dialoga-se aqui com Pierre Bourdieu, no que tange a formação das classes sociais. Para ele, o fator econômico não é preponderante para formar uma classe, o que o difere da concepção marxista. Bourdieu elenca a ideia do poder simbólico e do *habitus*, por meio do capital social e capital cultural. Em outras palavras, a principal construção dos sujeitos de uma mesma classe seria o capital cultural e social, o qual dita as maneiras de interpretar seu lugar no mundo e como agir perante a isso, muito menos instável que o capital monetário, no entanto, subjetivo (BOURDIEU, 1989, p. 132).

Essa elite cultural resendense que emergiria a partir da segunda metade do século XIX visava divulgar as influências recebidas e ideias trazidas de fora. Apesar da crise na lavoura, as décadas de 1870 e 1880 foram de significativa efervescência cultural e urbana. Foram fundados o primeiro teatro de Resende, a loja maçônica Lealdade e Brio, a loja de variedades Notre Dame, o Hipódromo Resendense e Escolas para prepararem seus alunos

¹⁰ Ata da Câmara Municipal de Resende, 7 de agosto de 1861 apud WHATELY, 1987, p. 12.



para ingressarem posteriormente no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro (SODRÉ, 1901, s/p).

Com efeito, o declínio cafeeiro se deu em Resende em 1860, por consequência da praga da mariposa e, embora a lavoura tenha se regenerado, não mais alcançou aquelas marcas produtivas. A Lei Eusebio de Queiroz também infringiu relevante impacto, ao extinguir o tráfico negreiro em 1850, uma vez que o preço do escravo mais do que dobrou em duas décadas. Desse modo, em 1855, um escravo custaria aproximadamente um conto de réis e, em 1875, poderia custar até mais de dois contos e 500 mil-réis (COSTA, 1966, p. 56). No entanto, segundo Júlio Fidelis, a queda da produção cafeeira não está totalmente ligada a falta de braços, mas sim, “ao esgotamento das matas virgens e à depredação do solo devido às técnicas rudimentares em que se baseavam o plantio” (SOARES, 2017, p. 101). Outro fator preponderante que conduziu à crise das lavouras resendenses, se deve à transferência de capitais ao propagandeado oeste paulista.

Os Pereira Barreto protagonizaram a referida elite intelectual. José Pereira Barreto foi um dos articulistas do jornal *O Itatiaya* e publicou o *Catecismo do agricultor*, de Burlemarque, sempre buscando estimular leituras de publicações especializadas na região por meio da imprensa (WHATELY, 1987, p. 35). O nome mais expressivo foi o de Luiz Pereira Barreto. Filho do Comendador Fabiano Pereira Barreto, fazendeiro influente da freguesia da Vargem Grande, o qual fez de sua fazenda “Monte Alegre” um verdadeiro campo demonstrativo de práticas de adaptação do solo a novos cultivos, explorou o plantio de tabaco, chá e o pioneiro café Bourbon.

Luiz Pereira Barreto se formou em medicina na Bélgica e em 1864 retornou a Resende. Seu irmão Francisco Pereira Barreto regressou a Resende trazendo consigo mudas de café Libéria que havia comprado por elevado preço de um navio cargueiro. Luiz Pereira Barreto se dedicou num processo de fecundação artificial por hibridação que resultou no ostentoso café de tipo Bourbon (ASSOMPÇÃO, 2003, p. 78).

Em fins dos anos de 1870, a imprensa resendense divulgava artigos sobre as promissoras terras roxas do novo eldorado, “o potosi do café”, como chamavam o oeste paulista. Em reação à crise da lavoura no Vale do Paraíba fluminense, houve grande transferência de capitais para São Simão, Cravinhos e Ribeirão Preto. Uma das críticas expressas no trecho de uma marchinha do carnaval resendense dizia: “Vamos para São Simão que os cafés daqui não dão” (PRADO, 1963, p. 78). Em 1876 ocorreu a chamada



Caravana Pereira Barreto, levando boa parte dos Pereira Barreto, cerca de 60 escravos, equipamentos e as sementes do café Bourbon.

Os jornais e autores contemporâneos teceram comentários a respeito dessa caravana da família Pereira Barreto, como sendo homens ilustres que partiram em busca de terras férteis, sem questionar a repercussão desse êxodo em Resende e arredores. Andréia Maia associa isso a uma narrativa de grandes fatos e grandes homens. É preciso, portanto, de uma releitura desses fatos por uma revisão historiográfica que desmitifique “superpessoas” a frente de seu tempo. E possa enxergá-los como homens imbuídos por interesses que se lançaram ao novo oportunamente. Ainda segundo Andréia, esses homens sabiam que a abolição da escravidão no Brasil não tardaria, portanto, ao invés de seguir investindo na compra de escravos, investiram capitais em terras virgens e baratas para erguer novas lavouras de café de excelente qualidade, o café Bourbon e, acabaram atraindo outros fazendeiros a seguirem seus passos, bem como a mão de obra barata e experiente do Vale fluminense e imigrantes europeus. Conseqüentemente esse êxodo acresce nos fatores do declínio da economia de Resende e região limítrofe do Vale do Paraíba fluminense em fins do século XIX (ASSOMPÇÃO, 2003, p. 134).

Alfredo Sodré, Alfredo Whately, Gustavo Gomes Jardim, João Batista Brasiel, Silva Melo, Cunha Ferreira e João Maia, são nomes que estão no raio de uma pesquisa mais ampla que escapa aos limites desse artigo. Conduzidos por *O nome e o como* (1989), Ginzburg e Poni influenciam no pensar do trato de um conjunto documental, que possibilitará uma visão mais completa sobre o objeto. Até o presente momento identificamos os nomes acima citados como exponenciais abolicionistas resendenses, homens letrados, articulistas de jornais da época e inseridos no partido liberal, os quais em meio à crise da lavoura e a constante falta de braços, estavam eles movimentando uma campanha abolicionista.

Celina Whately contesta o mito de que a escravidão em Resende teria sido mais branda do que em outros locais do Vale (WHATELY, 1987, p. 56). Não há documentação da época que valide esse argumento, muito pelo contrário, Soares (2006) afirma que as tarefas diárias estipuladas aos escravos, eram mais severas em Resende do que, por exemplo, em Vassouras, onde era comum estabelecer entre 5 a 7 alqueires por cativo, em termos de área trabalhada, por outro lado, em Resende o quantitativo de escravos por fazenda era menor.



Quanto ao trato e práticas coercitivas, o jornal *O Itatiaya*, no ano de 1877, chegou a ter uma coluna intitulada “Cenas da escravidão”, a qual noticiava escravos que preferiam se acusar de crimes cometidos para serem condenados à pena e se livrarem do cativoiro. Em outras palavras, buscavam uma configuração de liberdade do cativoiro, o que traz a referência à obra *Visões da liberdade*, de Sidney Chalhoub, que narra um semelhante ocorrido na Corte, na casa de comissões do sr. Veludo, onde houve uma insurreição de escravos que seriam vendidos para *serra acima*. Estes armaram um plano e agrediram o dono da loja de comissões e na sequência do plano, fugiriam para a subdelegacia. Para aqueles escravos, o ato de ser condenado e preso representaria um “mal menor” (CHALHOUB, 2011, p.35).

No viés econômico, a década de 1880 foi de lamuria e ruína. Se a primeira geração foram os cafeicultores que empreenderam as lavouras e cobriram o solo rendesse com o ouro verde, a segunda geração foram os letrados bacharéis, já a terceira geração ficou relegada ao solo empobrecido, à falta de braços e à desvalorização de suas posses, em conformidade com o ditado popular “avô rico, filho nobre, neto pobre”. Apesar disso, foi na década de 1880, que ocorreu a expansão da ferrovia que ligaria Resende a São José do Barreiro para escoamento dos grãos. Foi também em 1885, que ocorrera em Resende a Exposição Regional entre os produtores de café. Nesse evento, participaram 66 expositores resendenses, com produção variando de cem a dez mil arrobas ao ano. Vale ressaltar que àquela altura a maioria deles utilizavam as máquinas “Lidgerwood” para o beneficiamento (WHATELY, 1987, p. 66-67).

Na última década do século XIX, após a derradeira tentativa de reerguerem a lavoura, fundaram a Sociedade Resendense Agrícola e, perduraram por dois anos no seguimento da lavoura. Partiram para o ramo da pecuária e, aos poucos as lavouras foram dando lugar aos pastos.

Considerações finais

Sem buscar esgotar a temática, conclui-se que Resende se apresenta às avessas das categorias preconcebidas sobre o Vale; foge ao padrão dos grande latifúndios e conserva pequenos e médios proprietários, não havendo robusta concentração de capitais nem o ostentar de títulos nobiliárquicos.



O artigo *Rosa e Gabriel entre o litoral e o interior do Brasil na Primeira República*, do autor Paulo Roberto de Oliveira, ajudou a pensar sobre as redes de sociabilidades regionais, na diversidade da pauta econômica em decorrência do declínio cafeeiro e sobretudo, na localização estratégica do município de Resende, a qual subsidiou o capital cultural e a economia local.

Dados demográficos apontam que a população escrava nunca ultrapassou a marca de um escravo para cada livre, estando os cativos, em boa parte do século XIX, equiparados em números em relação ao contingente livre ou em menor contagem.

Avaliou-se as causas do declínio da lavoura, tendo como motivos preponderantes a praga das mariposas, a alta dos preços dos escravos após a lei Eusébio de Queiroz e, o êxodo para as promissoras terras roxas do novo eldorado que representou significativa movimentação de capitais para o oeste paulista. Apesar disso, os proprietários não ficaram mergulhados no torpor da crise, tentaram alternativas com o algodão, com o tabaco para superarem a decadência cafeeira. Nessa conjuntura, coexistiam cafeicultores com espírito empresarial, abertos a múltiplas possibilidades e, os de menor porte que devido à falta de recursos assistiam a derrocada de suas posses. Isso se confirma nos registros da Exposição Regional de 1885, dos quase 500 cafeicultores existentes em Resende, pouco mais de 60 tinham produção suficiente para participar da referida exposição.

FONTES CONSULTADAS

Arquivo Municipal de Resende:

Atas da Câmara e os jornais da época, sobretudo *O Itatiaya*.

CENSO DEMOGRÁFICO 1872. Características gerais da população resendense. Rio de Janeiro: IBGE, 1872. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>
Acesso em: 17 jun. 2021.

Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional:

Almanack do Centenário de Resende para o anno de 1902

Almanak Laemmert

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Silva e Porto, 1822. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/_/OpOCUubhxcC?hl=pt-BR&gbpv=1 Acesso em: 12 jun. 2021.

ASSOMPÇÃO, Andréia Maia de. *De caravaneiros a fazendeiros: a trajetória do café Bourbon (1876-1889)*. Rio de Janeiro: USS, 2003. (Dissertação de Mestrado)



BARCELLOS, Marcos Cotrim de. A Paraíba Nova na primeira metade do séc. XIX: perspectivas da ordem do Antigo Regime. In. *XIV Encontro Regional de História ANPUH-Rio*, UNIRIO - RJ, 2010. Disponível em:

http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276705557_ARQUIVO_ANPUH_SeminarioTematico_MarcosC_BARCELLOS.pdf. Acesso em 29 maio 2021.

BARCELLOS, Marcos Cotrim de. *História de Resende: uma narrativa*. Resende: ARDHIS/Câmara Municipal de Resende, 2017.

BENTO, Cláudio Moreira. Resende-RJ lendas populares: Pedra sonora e do Timburibá. In: Revista Resende 150 anos de cidade. Resende: Academia Resendense de História (ARDHIS), 2014. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/RESENDE%20RJ%20LENDAS%20TRADICIONAIS%20POPULARES%20PEDRA%20SONORA%20E%20TIMBURIB%C3%81.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

COSTA, Emilia Viotti da. *Da senzala a colônia*. São Paulo: Difel, 1966.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 34 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. O homem e a serra. 2 ed., s/l: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Conselho Nacional de Geografia, 1963. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27286_v4.pdf Acesso em 14 jun. 2021.

MAIA, João de Azevedo Carneiro. *Notícias históricas e estatísticas do município de Resende desde sua fundação*. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1891.

MARQUESE, Rafael. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil imperial*. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MUAZE, Mariana. Novas considerações sobre o Vale do Paraíba e a dinâmica imperial. In: MUAZE, Mariana e SALLES, Ricardo. *O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

OLIVEIRA, Maria Amália S. A. de. Conflitos e disputas pela memória: as ruínas de São João Marcos. Pelotas: Revista Memória em Rede/UFPEL. v.4, n. 10, jan./jun. 2014. Acesso em 12 jun. 2021. Disponível em:

<https://www.saojoaomarcos.com.br/wp-content/uploads/2020/07/ClubeDaResenha0002.pdf>

OLIVEIRA, Paulo Roberto. Rosa e Gabriel entre o litoral e o interior do Brasil na Primeira República. *Nova Economia*, UFMG. v. 29, n. 2, p. 651-675, fev. 2018.

OWERNEY, Valdenora de O. R. *Família Gonçalves Martins: riqueza, política e redes de sociabilidades em Resende no século XIX*. Rio de Janeiro: USO, 2019. (Mestrado em História)

PRADO, Antônio de Almeida. *Crônica de outrora*. São Paulo: Brasiliense, 1963.

SALLES, Ricardo. *E o Vale era o escravo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SILVA, Antônio Carlos da. *O cotidiano da imprensa e a imprensa no cotidiano: espaços públicos e a defesa da "lavoura" em Valença no século XIX*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2016. (Tese de Doutorado)

SOARES, Julio César Fidelis. A vila de Resende e o café. In. BARCELLOS, Marcos Cotrim de (Org.). In. *História de Resende: uma narrativa*. Resende: ARDHIS/Câmara Municipal de Resende, 2017.



SODRÉ, José Alfredo. *Resende: Os cem anos da cidade*. 1901. 2. ed., rev. at. por Itamar Boop em 1948.

TAUNAY, Afonso E. *História do café no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1939, v. 5, t. III. Acesso em: 06 jun. 2021. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/singlepage/index.php?pubcod=10013072&parte=1>

WHATELY, Maria Celina. *O café em Resende no século XIX*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

_____. *Resende, a cultura pioneira do café no Vale do Paraíba*. 2.ed., Niterói-RJ: La Salle, 2003.

WHATELY, Maria Celina e GODOY, Maria Cristina. *Crônicas dos duzentos anos: Resende 1801-2001*. Resende-RJ: ARDHIS, 2001.